

CONGRESSO ACADEMICO

BIBLIOTHECA
DA
FACULDADE DE DIREITO
DO
RECIFE

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACTORES

Pedro Motta (Redactor chefe)—Rodrigo Costa (Redactor Secretario)—Gaspar Regueira (Redactor Gerente)
Paulo Amaral, Correia Lima e Laudelino Baptista

CAPITAL

Trimestre. 2\$000

Recife, 14 de Julho de 1896

FORA DA CAPITAL

Trimestre. 2\$500

EXPEDIENTE

Redação—Rua do Hospicio
n. 1, 1.º andar.

SUMMARIO—A quem nos ler, *A Redacção*—A Reacção contra o Positivismo, *Rodrigo Costa*—*Fiat-Lux*, *Augusto Meira*—Academias de Direito, *Edison Filho*—No campo, *Gaspar Regueira*—14 de Julho, *Correia Lima*—Os deveres dos filhos para com seus Paes, *Newton Burlamaqui*—O frade-martyr *Paulo Amaral*—Labor omnia vincit, *J. Freire*—Lyrismo, *Abdias Neves*—*Michol Soriano de Albuquerque*—O nosso Congresso, *Geroncio de Carvalho*—A Mulher *Affonso de Barros*—A nautica, *Augusto Meira*—*Cleopatra*, *Augusto Cavalcanti*.

CONGRESSO ACADEMICO

Recife, 14 de Julho de 1896.

A QUEM NOS LER

Acceitando o honrosissimo posto que nos confiou a esperançosa mocidade, que comnosco vae trabalhar, tudo envidaremos, sem embargo de sacrificios ingentes, em prol do nobre combatente que hoje se alista

em o numero dos periodicos da hospitaleira terra do Norte.

Creado o *Congresso Academico*, da Faculdade de Direito do Recife, mercê á louvavel perseverança de alguns moços entusiasticos, torna-se preciso, por ventura uma necessidade inadiavel, a fundação e a manutenção de um orgão—no qual todos aquelles que se dedicão á *Sciencia do Direito e ás Lettras Patrias* tivessem occasião azada de trabalhar, de se esforçar, procurando com estudo e boa vontade, o melhor meio de pôr em campo a sua actividade intellectual.

Sem objectivo algum politico, a nossa folha visa tão somente—*Direito e Litteratura*—, não significando essa nossa norma, absoluta indifferetismo a questões sociaes que surjaão de momento e que pela sua importancia devão ser estudadas á luz da critica sincera e desapaixonada. O nosso jornal, inda mais, será franqueado a todo aquelle que, como nós, estuda Direito e Lettras e quizer, tambem como nós, re-erguer o nome que outr'ora tinha a lendaria Academia do Recife—o Templo augusto d'onde hão sahido as mais pujantes mentalidades do Brazil.

Coincidindo a estréa do *Congresso Academico* com a data gloriosa que registra no Kalendario civil a pagi-

gina d'ouro da Historia da Humanidade, façamos nós, não um *simile* do inolvidavel 1789, mas um incentivo ao trabalho, quebrando a apathia que parecia reinar na nobilissima Faculdade de Direito do Recife, apathia que semelhante a uma Bastilha *mingnon* era como que a fortaleza no meio de cujas muralhas vivião encarcerados os mais promettedores talentos, as mais fagueiras esperanças d'esta Patria, rica e feliz.

A REDACÇÃO.

A Reacção contra o positivismo

Não é só no dominio politico que vemos infiltrar-se a paixão requintada pelo exagero de doutrina e absurdo de consequencias, mas no proprio dominio philosophico pairam destas aberrações que os alienistas chamam degenerescencia.

A intelligencia do homem tem dessas sombrias erupções que lhe obumbram a lucidez de seus raciocinios e a clarezza de sua logica que antes de tudo deve ser racional para deste modo adaptar-se ao espaço e ao tempo.

Quando um seculo, como o nosso, cuja caracteristica é o prurido das originalidades e o espirito esmerilhador e critico dominado por esse vago *dilettantismo* que constitue morbidez, não vê surgir um systema que chame a attenção dos pensadores e convirja por algum tempo o olhar inconstante do povo, parece que a humanidade seria um como brejo cujas aguas mortas dão vida aos sapos e outros animaes de organização rudimentar.

Para que haja vida é preciso lucta, esse choque incessante de idéas que se

clamação no cairel flamejante de sentimentos oppostos.

E a Historia é o repositório de todo esse drama ingente apresentando-se ao espirito do observador como uma tēla em que os factos se incrustam em crystallizações vitreas.

Mas no meio de todo movimento continuo, do fluxo e refluxo do pensar humano, se destaca o inconcusso principio regulador do cosmo como columna de luz, espargindo raios adamantinos no redomoinho das paixões.

De um lado as doutrinas revolucionarias que tudo innovam, do outro as conservadoras que evitam o esboroamento do necessario equilibrio cultural humano

E' nesta equipolencia de energias que consiste a evolução natural das idéas.

Quando não seja a preponderancia duradoura ou pelo menos momentanea d'um sobre o outro, isto é, o principio anarchístico ou innovador e o principio conservador ou tradicional, quando não seja essa preponderancia ha sempre no dominio, principalmente philosophico, o triumpho constante si bem que, ás vezes latente, d'um principio superior que, como que se furta ás leis da mesologia e impera energica e diuturnamente no nosso destino.

Escriptas estas palavras iniciaes que me foram suggeridas após a leitura d'um substancioso livro do esclarecido philosopho *Labbé de Broglie—La Reaction contre le positivisme*, diremos a impressão que nos deixou este livro que sendo manuseado deixa o mel das convicções puras na alma de quem o lê, ao mesmo tempo que põe ás claras as incongruencias da infeliz criação communa.

O que é o positivismo como philosophia, politica e religião?

Um conjuncto de disparates e formulas teratologicas proprias para caracterisar o nosso seculo XIX, esse seculo de nevrose allucinante.

Systema philosophico que desconhece as mais bellas conquistas do espirito humano não pode merecer a adhesão dos serios pensadores e muito menos do elemento popular não obstante a chamada *incorporação do proletariado nas sociedades modernas* ser um dos pontos capitaes delle.

Essa incorporação não se póde dar na acanhada solução do grande problema economico; por isso que o positivismo, por hypothese, ainda que conseguisse dominar, não tem a força necessaria para congregar todos os homens n'um laço estreito de reciproco affecto.

Elle não possui a energia de sentimentos que prende os homens na mesma cohesão solidificada pela caridade que anima o homem a dar o braço ao que cahe no vortice da miseria, a enxugar a lagrima rolada dos mortos olhos annosos da infeliz que se estorce na dor cruciante; essa magica energia só a possui completa e efficaçamente o Christianismo.

Pois bem, o positivismo querendó resolver a questão economica que se prende ao anarchismo e socialismo nos seus diversos matizes, faz propaganda no sentido de converter o proletariado a nova religião philosophica como se a humanidade vivesse de creações idéaes insuf-

ficientes para arregimental-a ou congregal-a para a mesma finalidade de luz e superioridade espirital.

Sem objectivação pratica de principios abstractos uma doutrina não pode perdurar e muito menos curar as grandes miserias humanas, que se reflectem por sua vez na sociedade, como esses focos lusescentes illuminaam o circuito tenebroso que os cercam, expandindo-se depois em emissões longinquas a distancias immensas.

Portanto falta ao comtismo o espirito de expansão, de força interna intensa capaz de transformar a grande mole popular em phalange honesta humedecida do suor do trabalho nas proliquetas pugnas da actividade.

Falta-lhe a suavidade e a justiça, a candura e a virilidade, a simpleza e a sublimidade do Evangelho reflectindo-se luminosa e gloriosamente na Igreja Catholica, a unica que continúa depositaria da semente evangelica.

Labbé de Broglie estuda á luz de uma critica superior a estranha criação de Comte provando a inanidade de sua doutrina e illogismo de suas consequencias.

(Continúa).

RODRIGO COSTA.

FIAT LUX !

Paulum sepultæ distat inertia:
Cela virtus...

Horatius.

Não sei que de grande e augusto
Vem a minha alma invadir,
Que esplendores, que harmonias
Meu peito fazem subir;
Olho em torno... e os horisontes
O valle, o topo dos montes
Murmurejão—trabalhar;
Si meu passo é vacillante
Alguem segreda-me: avante
E—avante—rouqueja o mar.

E sinto ás vezes convulso
De delirios n'um escarcéo
Rolar o meu pensamento
Pelas voragens do céu !...
Lucta insana, lucta incrível
Tormentosa, indefinivel,
Me vergasta o coração,
Se abatem crenças fagueiras,
Qual sob as brancas geleiras
Arqueja em furia o vulcão.

Mas como o oceano ás vezes
Se ouve humilde soluçar,
E após referve as areias
Tentando as syrtes galgar
E como as nuvens pesadas
Do seio vibrão guardadas
As lanças rubras do céu,
Tal minh'alma, oh mocidade.
Ante a vossa magestade
Vem desfraldar seu trophéo !

Não coreis do humil
Que á esmo do peito sahe,
Ferida embora, minh'alma
Vacilla porém não cae;
Se exhausta a fronte delira
Si vago o peito suspira
Da descrença no crisol,
Não me abate o desalento,
Si mesmo no firmamento
Tem manchas negras o sol.

Venusta esp'rança da Patria
Deixai o frio torpor,
Si os mochos vivem de trevas
Oscula os sões o condor.
Deixai os antros, crysalidas
Immergi as azas pallidas
Nas ondas claras da luz,
Vós, crusados da sciencia
A senda trilhae em ardencia
Que á gloria os genios conduz.

Nas largas fauces do tempo
Cadente o seculo se esvae,
A lage da vasta campã
Na hora extrema sellae.
E á luz da branca alvorada
Da mão de Deus orvalhada
Olhai o seculo que vem,
E em meio a plaga infinita
Levai, phalange bemdita
A arca santa do Bem.

E alli na praia alterosa
Ao bramir dos vendavaes,
Sob as bandeiras da gloria
De outra edade aos umbraes,
No seio das alvas dumnas
Alviçareiras columnas
E' preciso construir,
—Sobranceiras epopeas
Moimento erguido de idéas
Que de vós falle ao porvir !...

Não ha que temer, sigamos
Envoltos de esp'rança e fé
Quem teme as negras borrascas
Que a vida occulta?... quem é ? !
—No dorso das serranias
Batidas das ventanias
A aguia aninha os filhos seus,
E' do cahos, da nebulosa,
Da escuridão tenebrosa,
Que forma seus astros Deus !

Ao fulgor de vossas frentes
A pobre musa se esvae,
Entre arroubos o meu estro
Incende as azas, e cae;
Segui... deixai-me ao açoite
Dos ventos, na escura noite
Que me vulnera fatal,
Minh'alma é ave esgarrada,
So tem na lyra pousada
So tem a Deus por fanal !...

Inda bem !... Irei tranquillo
Beijar os plainos azues,
Si a lyra me acalma as ancias
Que o infinito produz.
Qual vio brotar de ondas feras
Colombo, nas priscas eras,
Um mundo que imaginou,
Dos antros da tempestade
Talvez surja a claridade
Que a mente estulta sonhou !...

Recife, 23 de Junho de 1896.

AUGUSTO MEIRA.



Academias de Direito

A quem acompanha com calma e isenção de espirito o modo pelo qual presentemente no Brazil ha sido feito o ensino superior, não deixará de ter notado, por certo, tal ou qual indifferentismo do Governo, no tocante ao ensino de Direito, ora ministrado pelas Academias Livres. Após o advento da Republica, mutações radicaes não sido operadas nas Escolas Superiores, maxime nas Faculdades de Direito. O poder competente, quiçá com intenção benefica, tem legislado reformas, cada uma das quaes tem sido mais ou menos um tropeço na marcha do estudo, ora com a criação de novas cadeiras ora com agglomeração de outras, quando o alumno, sciente da responsabilidade que lhe sobrecarrega o affazer escolastico, deveria ter certa uniformidade e esta permanente, no estudo indispensavel á carreira que pensou abraçar.

Vimos não ha muito a reforma « Benjamim Constant » que seja dito de passagem, veio fazer certo embaraço a nós outros que julgavamos o methodo de estudo e de ensino como obra pensada e assentada; pouco mais tarde, como si o trabalho do operoso e eminente cidadão não fosse uma reforma verdadeira, appareceu no Parlamento Nacional um representante do povo, a proclamar como *Messias Promettido* uma novissima reforma, obrigando o estudante a frequentar como collegial inexperiente as aulas do curso—ficando sujeito á pena de não prestação de acto, caso *quarenta e uma falhas* o fizessem inscripto no livro de pontos...

Quando no Imperio as profissões liberaes parecião permanecer em *statu quo*, um Ministro da Corôa, o illustrado Conselheiro Leoncio de Carvalho fez passar por todos os canaes exigidos por lei a mais sabia reforma até hoje conhecida entre nós como supra-summo do progresso intellectual de um povo.—o decreto de 19 de Abril que abolio o ensino obrigatorio

Em plena Republica, n'esta Republica por que nós tanto trabalhamos, ora na imprensa, ora nos comícios populares, vem um eleito da Nação derrubar o que havia sido feito—implantando de novo a obrigatoriedade do ensino e de um modo illogico, legislando só uma epocha de exames,—graças á maioria do Parlamento e á Sancção do Presidente da Republica!

Tudo isso vem confirmar que no Brazil reformas e mais reformas se fazem, sem attender os gravames que vão directamente ferir as pessoas que a ellas infelizmente ficão sujeitas.

E o que fez o poder competente em relação ás Faculdades Livres, das quaes annualmente saem innumerados diplomados? Impôr-lhes, para o caso de manutenção, o patrimonio de cincoenta contos de reis? Qual d'ellas não poderá, sem o minimo sacrificio, accumular em caderneta de casa bancaria tão minguada quantia? Ninguém ignora, e para nós isto é uma gloria, que nas Faculdades de Direito do Recife e de S. Paulo o estudo é serio e consciencioso e que o corpo docente de ambas, para paten-

tear aos alumnos que è conhecedor das materias, vae a concurso, mostrar em publico os seus conhecimentos e por isso póde ensinar; além d'isso, espirito algum desprevenido poderá duvidar que é nas Faculdades Officiaes onde o ensino é mais rigoroso—e, peça-nos sobremaneira dizer—, o mesmo não tem sido observado em estabelecimentos semicongeneres hoje espalhados na Republica. Sabe-se, e não ha ahi controversia resistente á logica dos factos, que depois da installação de duas Faculdades Livres de Direito na Capital Federal, uma em Minas Geraes e outra na Bahia, grande tem sido o numero de bachareis—e é esse, cremos, o motivo porque a imprensa do Rio de Janeiro, ora em artigos de fundo, ora em paginas litterarias e mesmo em verso, ha appellidado os nossos confrades de bachareis electricos. Ha entre estes *electricos* não pequeno numero de moços habeis que depois de formados honrão a classe d'aquelles que se dedicão á sciencia do Direito; tambem ha nas Faculdades Livres lentes illustradissimos que podem perfeitamente leccionar as materias que lhes forão confiadas: na maioria, todavia,—e quem poderá negar?—esses mestres sabem? como provaram seus conhecimentos technicos?

Simplemente porque erão bons advogados, que fallavão bem no jury ou que conhecião formularios—notando a audiencia do Juiz Tal que correu *illegalmente* porque o meirinho não atordou os ouvidos com a *classica campainha*?

E nós não sabemos, pelo estudo que se faz, que torna-se mister ao bacharel formado o conhecimento theorico e pratico? Objectar-se-nos-ha que o Governo sabe tomar precauções a respeito: *nenhuma Faculdade poderá funcionar sem o fiscal do Governo!*... Acaso algum ignora que estas Faculdades, pela imprensa do Rio e pelo espirituoso auctor da revista Fluminense « *O Major* »

cognominadas de electricas, sejam compostas em quasi sua totalidade de cidadãos eminentemente collocados nas culminancias do poder? Acaso um bacharel em direito feito mestre, galgando posição elevada na administração Federal ou Estadual, será considerado por um *Fiscal do Governo* inapto para leccionar esta ou aquella cadeira? Nós não sabemos que em algumas das *electricas* (o qualificativo não é nosso, mas sim de Arthur Azevedo) medicos do interior são chamados a leccionar Medicina Publica?

Rapazolas, com titulo e sem causa, não são tambem chamados para ensinar Direito Civil? Por ventura o merito do facultativo da roça ou bacharelzinho sem causa é egual ao de Pontual ou de Cirne—encanecidos e feitos no estudo das materias que professão?

O Governo, porem, tendo isso ignora! As electricas continuão e nenhuma providencia séria se toma...

A nós, sobre quem recaem maiores responsabilidades, só a nós que o espirito publico conhece como tendo feito no Curso Superior um tirocinio trabalhoso, a nós de resto sobrevêm pezadissimos onus e nada valem considerandos que endereçamos ao Poder competente. Vamos, todavia, crenes no futuro, vêr si será deferido o pedido que os nossos talentosos collegas de S. Paulo fizeram ao Corpo Legislativo, e ao qual nós adherimos gostosamente.

Para nós bastão as penas que já temos! O Governo que olhe para os focos de *electricidade* que assim fará um grande beneficio á mocidade vindoura! Ao envez de *ensino obrigatorio* e de uma *só epocha de exame*., franqueza! obriguem os mestres das *electricas* a não usarem de tanta *electricidade*, quer subjectiva, quer objectiva...

EDISON FILHO.

NO CAMPO

*Vem rompendo a manhã... A relva inda molhada
Após a cerração enorme do chuveiro
Tem o doce frescor que imprime a madrugada
A's sans vegetações em seu beijo primeiro.*

*Evola-se do ar aquelle doce effluvio
Da rosa que ao abrir a petala macia
Derrama suavemente esplendido diluvio
De perfumes subtils, á fresca luz do dia.*

*Na pradaria em flor, ás doudas revoadas
O bando festival das aves despertadas
Entóa alegremente umas canções maviosas*

*E para colorir essa paysagem bella
Do firmamento azul na limpidez da tela
Ergue-se o louro Sol em ondas luminosas.*

GASPAR REGUEIRA

14 DE JULHO

Ha certas concepções tão grandiosamente alevantadas, rasgos de heroismo tão eloquentes na vida das nações que fazem nos vibrar os nervos do enthusiasmo.

Grandes concepções que nascem espontaneamente, sem se saber como e alastram-se poderosamente a semelhança das grandes caudaeas, recebendo em todo seu percurso affluencia das correntes de sympathia e cada vez mais crescendo, cada vez mais se avolumando até que grandes, magestosas e potentes lançam-se no oceano da realidade, encapelladas e fortes.

A tomada da Bastilha, o formidando Maclstron ameaçador da liberdade franceza, o guante poderoso que estigmatiza as grandes aspirações deste povo essencialmente heroico, foi uma destas grandes concepções, um destes rasgos de heroismo.

Monstro fabuloso que em seu bojo continha a furia das hyenas, as mais verdes esperanças trucidadas em nome d'uma nobreza invalida e boçal, este monstro ostentava-se entre um povo cheio de futuro, que em seu seio possuia os titans da liberdade—Marat, Danton, Rosbepierre e Mirabeau, o Demosthenes moderno.

A Bastilha aniquilava a França e enobrecia o despotismo.

O povo francez vivia cabisbaixo sob o peso cruel, o peso do verdugo sedento de vinganças. Ella parecia ter o iman das serpentes que fazem attrahir os passaros que cantarolam canções de liberdade entre as maldições dos filhinhos abandonados. Dia a dia os seus antros infernaes enchiam-se, os tormentos duplicavam e a liberdade arquejava.

Não era possível crer que tanto odio concentrado, tantas lagrimas queimadas no fogo do desespero não explodissem.

Não era possível crer que entre organizações humanas não houvesse patriotismo, não houvesse compaixão, não houvesse uma siquer por cujas veias corresse o sangue rubro do homem, differente do azul que circula as veias do fidalgo!...

Era que o povo esperava o impulso da vingança natural nos que injustamente soffrem, o extravasar do odio... e assim foi. Emquanto os esbirros das magestades torpes, sem nervos, sem coração julgavam-se izentos da ira do povo conglobado, irmanado por uma idea, a maior fortaleza que imaginar-se pode, onde cada braço é uma metralha, cada peito uma couraça e riam-se satanicamente, amarelladamente, trinta mil homens, trinta mil anjos sobraçando a espada de fogo da vingança escalavam e aniquillavam a mejonha fortaleza um pouco abalada pela maldição unanime.

Era a noite de 14 de Julho de 1789....

.....
O velho forte tremia ás martelladas dos heroes e o echo de cada golpe vibrado nos velhos paredões, tinha o som de liberdade...

Os intrepidos são heroes e aos heroes protege a sorte. A Bastilha tombou e a liberdade surgiu.

Data gigante, data cosmopolita, o sublime portico da grande revolução que trouxe uma nova phase ao universo espraçando-se por todo mundo civilisado.

CORREA LIMA.

Os deveres dos filhos para com seus paes

Eis a grande questão que temerariamente me proponho abordar no presente artigo em que não entra outra pretensão que não a de, para o futuro, re- lendo estas notas academicas, chamar a minha memoria as reminiscencias do passado.

Estou convencido de que as minhas idéas a ninguem aproveitarão, quér pelo valor ethico que ellas possuem encerrar, quér pela esplanção com que possuem ser apresentadas.

Mas, como todos os começos são embaraçosos e trazem consequencias dolorosas aos noveis lutadores, me convenço igualmente de que semas vacillações e quedas do presente, serão impossiveis as conquistas do futuro.

..

Para reconhecer-se quaes os deveres dos filhos para com seus paes, é indispensavel tratar da organização da familia.

O homem nasceu para a sociedade, eis ahí uma verdade ja reconhecida pelo grande Aristoteles, verdade que ja tornou-se banal á força de ser repetida. Mas de todas as sociedades, a primeira, a mais natural, a mais indispensavel para a conservação do genero humano é incontestavelmente a fauillia.

Tendo por fim a educação e criação dos filhos, a sociedade domestica os acolhe e aperfeioa sob a direcção e zelo dos paes. Elles é que se encarregam dessa enorme e demorada missão.

A educação do homem exige longo tempo e profundos cuidados. E' por isso que a natureza creou o amor paterno e materno, tão arraigados no coração dos paes que muitas vezes leva-os até o sacrificio da propria vida. Amparando os primeiros passos do innocente filhinho, esclarecendo-lhe a intelligencia e formando-lhe o coração na puberdade, aconselhando-o e auxiliando-o na juventude, os paes absorvem toda a sua existencia neste trabalho constante e grandioso. D'ahi nasce para os filhos o dever de gratidão e de amparar os seus progenitores na velhice. D'ahi o amor filial que é um dever sagrado: as offensas aos paes são contrarias a natureza: é por isso que o parrecida tem sido olhado com tanto horror em todos os povos, castigando-o uns com supplicios espantosos e não lhe comminando outros, pena alguma porque as leis o consideram impossivel.

A familia, como todas as outras sociedades, para desvolver-se e conseguir os seus destinos, precisa de ordem e harmonia interiores. Para a existencia desta ordem é mister que haja uma lei de unidade; no caso contrario é inevita-

vel a desordem. As forças individuaes abandonadas a si, sem esta lei de unidade, ou produzem dispersão ou provocam conflictos e anarchia. Desta regra não se exceptua a sociedade domestica; e, como a autoridade não pode residir nos filhos, ha de estar nos paes. Mas o direito de mandar é correlativo á obrigação da obediencia; assim os deveres dos filhos para com seus paes estão definidos pele direito dos seus respectivos superiores.

Os filhos devem aos paes submissão e obediencia em tudo que disser respeito a boa ordem domestica.

Na infancia das sociedades, quando as familias não estavam unidas por vinculos bastantes para constituir verdadeiros Estados politicos, o patrio poder devia ser muito forte, sendo o unico elemento de ordem particular e publico, devia ter sido o que fosse necessario para preencher o seu fim.

Mas, com o evoluir dos tempos, a medida que a organização social foi progredindo, o patrio poder, bem que entrasse como elemento de ordem, não foi o unico; foi porisso que as suas facultades se restringiram passando mesmo algumas dellas para o poder social.

Neste ponto tem havido certa variedade nas legislações dos povos, vendo-se sociedades bastante adiantadas, onde se conserva ainda ao patrio poder o *ius vitæ et necis*; mas em geral pode assegurar-se que a tendencia tem sido para restringir, encaminhando-se a deixar-lhe unicamente o indispensavel para a educação e criação dos filhos e para a boa ordem na administração dos negocios domesticos.

Apesar disso, temos que a obrigação moral dos filhos é grave, gravissima; o amor, a obediencia, o respeito, a veneração, o auxilio nas necessidades; a tolerancia das suas molestias, a compassiva dissimulação das suas faltas, a paciencia nas enfermidades e fraquesa da velhice, são deveres prescriptos pela ternura filial.

Quem os esquece e quebranta, diz um philosopho portuguez, offende a natureza e nella a Deus, o seu autor.

Recife, Julho 96.

NEWTON BURLAMAQUI.

O frade-martyr

Dentre os apóstolos mais devotados ás liberdades patrias, occupa lugar proeminente, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.

Com effeito, vemol-o tomar parte no movimento de 1817, chefiado por Domingos José Martins, cujo empenho patriota era, já sacudir o jugo bragantino, já implantar o regimem republicano exuberantemente manifestado nos movimentos de Beckemam, Phillippe dos Santos, Bernardo Vieira de Mello, Tiradente, em Minas.

Distingamos os movimentos de 1817 e 1789: o segundo não passou de um plano, um vago sonhar de poetas, o pri-

meio foi uma realidade. Assim é que os revolucionarios de 1817, constituirão o seu governo provisorio, crearão o seu exercito, organisarão o seu functionalismo.

O regente, que então dirigia o timão do Estado, tinha ás suas ordens, a imitação dos antigos imperadores gregos e romanos, uma alluvião de mercenarios, pagos com o suor do povo, que affagava a idéa de sua liberdade.

Tanto bastou para que a revolução fosse vencida e a tyrannia triumphasse.

Frei *Caneca*, Padre Muniz, Manoel Clemente, Villela Tavares, Antonio Carlos, Basilio Torreão e outros, entrarão no numero dos conspiradores e como taes forão remettidos para a Bahia e ahí encarcerados soffrendo a maior somma de miserias e opprobios.

Suavisarão, porém, as agruras do carcere, ensinando-se mutuamente as linguas franceza, ingleza, a arithmetica, a algebra, a geometria, o calculo, o direito natural e direito civil. Vemos, pois, que as idéas republicanas e a luta pela independencia, arraigavão-se no sentir do povo, genuinamente brasileiro, quando surgio na arena politica, um novo partido — o *portuguez*, chefiado por José Clemente Pereira, o qual preparou os acontecimentos de 7 de Setembro de 1822, terminando por acclamar o regente, Imperador e Defensor Perpetuo do Brazil, aos 12 de Outubro do mesmo anno.

A 14 de Abril de 1823, reuniu-se a Assembléa Constituinte, para dar ao paiz uma constituição, adequada a forma de governo, antagonica aos ensinamentos republicanos manifestados nos acontecimentos anteriores.

A 3 de Maio é aberta a Assembléa Constituinte.

Pareçião bonançosos os tempos, não prevendo o Principe, quão tempestuoso se lhe antolhava o porvir.

Os constituintes de accordo com as vistas dos tres Andradas, de Montezuma, Padre Belchior Pinheiro e José Joaquim da Rocha, elaborarão um projecto de constituição, o mais salutar e consentaneo com as aspirações nacionaes. Como nesse projecto se achassem consubstanciados os mais adiantados principios democraticos, incompativeis como o genio despótico e absoluto do Imperador, este dissolveu violentamente a Assembléa dos Representantes do Povo, remettendo presos para Lisboa os seis patriotas acima. Para a elaboração de um novo projecto de constituição, que merecesse a sua approvação, nomeou elle uma commissão de seis cortezãos, que, para serem agradaveis ao seu amo, enxertarão um quarto poder — o moderador, aberração no direito publico, expressão do poder pessoal, levado ao mais alto gráo.

No meio dos applausos do *partido portuguez*, um carta foi jurada aos 25 de Março de 1824.

O povo brasileiro, porém, exarcebou-se contra o acto violento, que dissolvéra a Constituinte.

Os elementos reaccionarios explodi-

rão com intensidade no Norte, sendo Pernambuco, o foco dos conspiradores.

A junta de governo, que dirigia Pernambuco, sentindo-se fraca, sollicitou sua demissão, pelo que foi eleito Presidente da Provincia, Manoel de Carvalho Paes de Andrade, então intendente de marinha, espirito eminentemente liberal, e gosando de grande popularidade em toda a Provincia.

O Imperador iniciou logo o poder pessoal, nomeando Presidente da Provincia a Francisco Paes Barreto, um dos membros demissionarios da Junta, enviando ao mesmo tempo para ser jurada a *bocca de canhão*, a Carta de Março. Para solver a crise, Paes de Andrade, convocou um grande conselho para decidir: si se deveria dar posse ao Presidente Paes Barreto; si se deveria jurar a Carta enviada.

Forão pela negativa o grande Conselho e Frei *Caneca*, convidado a dar a sua opinião, como membro do corpo litterario da Cidade.

Echoando taes noticias na Córte, como não bastassem os seus mercenarios, o Imperador enviou para Pernambuco um Lord, feito Marquez do Maranhão, e para o Ceará, Escragnolle, ao depois Conde, com ordens as mais terminantes para empossarem Paes Barreto, e fazerem jurar a Carta de Março.

Estas disposições bellicosas do *Defensor do Brasil*, excitarão de tal forma a alma pernambucana, que Paes de Andrade, forte do apoio popular, não duvidou proclamar a *Confederação do Equador*, aos 2 de Julho de 1824. Comungarão com a revolução as Provincias da Parahyba, Alagôas, Rio Grande do Norte e Ceará.

As tropas imperiaes erão em muito maior numero: a revolução foi vencida seguindo-se a formação de tribunaes militares, que discriçionarios, condemnarão ao patibulo os personagens mais notaveis da revolução: Agostinho Bezerra, Nicoláo Pereira, Miguel Ibyapina, João Mebrowick, etc. Paes de Andrade, conseseguiu escapar a *sanha* dos servidores do Rei, refugiando-se a bordo de um navio inglez.

Frei Caneca, entrou tambem no rol dos condemnados, como membro mais importante da revolução, e principal conselheiro de Paes de Andrade.

O grande crime do *liberal* foi, pois, em voto publico ter declarado, que se não deveria acceitar e muito menos jurar a Carta de Março, como má, ameaçadora da integridade patria, conspurcante da liberdade dos povos, solapante de sua independencia, menospresante da soberania nacional. E nos tempos que correm em que tudo é miseria e corrupção é preciso que nós, os moços republicanos, idolatremos o frade-martyr como, o prototypo das maiores virtudes civicas e moraes.

Seja pois, o frade-martyr, o pharol, que nos deva dirigir nas nossas luctas em prol da Republica e da Liberdade.

PAULO AMARAL.

Labor omnia vincit

AOS MOÇOS DE 1896

Travada a lucta sangrenta
Dos clarins aos fortes sons,
A Marte grossos canhões
Saúdam com furia ardente;
Ao scintillár das espadas
Aos gritos dos generaes
Esquecem que são mortaes
Soldados de sangue quente.

Na face da terra ingrata,
Que aprecia a lucta calma,
Ha de empunhar-se uma palma
Depois da lucta acabada,
Um dos dois batalhadores
Erguerá brados de gloria,
Nas ricas folhas da historia
Será a victoria estampada.

Pois bem, collegas, marchemos
Aos doces sons da alvorada,
Seja a lucta pois travada
Em prol da Sabedoria,
Façamos lanças das pennas
Escudos dos livros nossos,
Lutemos, mais com esforços
Que Deus nos serve de guia.

Lutemos, bravos soldados,
Da patria estremosos filhos,
Que mais tarde aos estribilhos
Do soberbo hymno da gloria
Empunharemos tropheus,
Vendo de um lado abatida
A ignorancia que pragueja
E de outro a mão bemfazeja
De Deus que grita dos ceus:
Bemdigo-vos, filhos meus.

J. FREIRE.

LYRISMO

Verdes mares ondeantes de esmeralda
liquefeita, céos azues de liquidas saphyras,
deixai que o barco branco de minha phantasia vá cursar-vos, enfunadas as velas opalinas.

Deixai!

Por um momento só, abri-lhe vosso seio, ninho quente, onde elle, passarinho pavido, foragido do amor, vá pousar.

Derrame-se pelos espaços a musica suave de risos infantis, haja hymnos, cavatinas, mysteriosas melopéas, raios tímidos de alvoradas estivaes para saudal-o.

Vai em busca de minhas pallidas chimeras.

Chimeras que em um instante de delirio vieram povoar-me o cerebro, sonhos de moço, a quem os annos não tinham crestado as crenças da alma, as aspirações dulcissimas, concebidas ao primeiro bafejo da adolescencia.

Deixai, verdes mares ondeantes, que elle vá em busca d'esses idéaes perdidos, idéaes de que a historia de meus dias

que desapareceram tombados para o passado, conserva em paginas fulgentes a lembrança.

Mandai que vossas ondas caem por um instante o estalido alegre de seus beijos, e a brisa mesmo, não soluçe, não module, as notas de suas canções favoritas.

Mas, se o quizerdes, quando elle ao longe houver completamente se occultado n'um recanto do horizonte, conservai o murmuro brando que o envolvia vo-gando, para espalhal-o no ar, nas noites em que o luar vier borboleteando, brincar nas vossas ondas, verdes mares ondeantes, de esmeraldas liquefeitas.

ABDIAS NEVES.

MICHOL

(A AUGUSTO ARANHIA)

Noute

O céo lantejoulado de estrellas. .

O plenilunio argenteo entornava n'uma doce effusão, luz suave e branca.

No ambiente meigo e tepido, cheio dos effluvios olientes das veigas orientaes, voejavam arrulhos de harpa, queixosos e méstos,

Pulsava—o David—o louro zagal que pascera ovelhas aivas nas planicies de Bethleem,—para serenar a alma estuosa de Saul, paé de Michol—therebintho puro e candido desabrochado dos alvôres da manhã—a virgem israelita de olhos almos. azuleos; almos como os asellos, azuleos como o Genesareth,

Enlevada na terna contemplação do azul, Michol sobre coxins macios e tibios como frouxéis, ouvia a harpa gemer, gemer branda e plangente como a blandiflua torrente de Cedron.

Fragancias evolavam-se do seu corpo —como se repousasse sobre um sendal de rosas e açucenas esfolhadas—sob a luz opalina do plenilunio.

Os cabellos soltos pousavam languidos sobre o seio morno e alabastrino que arfava docemente, docemente.

Um vago sorriso brincava nos seus labios roscoos como as flores do aloendro.

Michol scismava em David. . .

Venturas e crenças—madrigaes e perfumes—infundiam-se-lhe n'alma que librava-se no alto, azas espanejando em busca do empyreo—o extases.

David—o escolhido da sua alma era o seu noivo porque vencera os Philisteos. .

Michol sonhara com o thalamo desejado—diluculo candido das suas esperanças candidas.

.
A harpa emmudecera.

.
Beijos arrulharam os labios de David nos labios de Michol com o olhar no céo; céo lantejoulado de estrellas. . .

SORIANO DE ALBUQUERQUE.

O nosso Congresso

A criação da *Revista* que ora é dada á luz da publicidade, vem mostrar vivamente o grande interesse que a mocidade academica vota aos progressos litterarios com afan tenaz, e é mais uma gôttta do orvalho dos esforços humanos que vem fazer brotar mais uma petala na delicada corolla da Civilisação.

Esta folha—que é um fructo do « Congresso Academico, » demonstra que ainda não está arrefecido o estimulo das letras n'esta Faculdade de tradições tão gloriosas, e, que devemos trabalhar em prol da patria que hodiernamente, mais do que nunca, precisa dos valiosos serviços da mocidade, visto que passou a onda revoltosa que trazia todo o Brazil conturbado, e agora reina um periodo de tranquillidade em que a Republica poderá florescer, si os que dirigem o seu destino, forem Brasileiros sinceros para tornar esta terra ditosa, aproveitando este tempo de paz em esforços dobrados pela causa sublimada da liberdade. E é por meio da imprensa que a mocidade academica vem prestar o seu fraco contingente, alliando-o aos esforços geraes, no sentido de desbravar os inviós e asperos caminhos do Progresso—que é o idolo, a aspiração de todos aquellos que possuem um coração humanitario e cheio de generosidade.

O « Congresso Academico » innegavelmente vem dar mais vida, mais actividade aos moços d'esta Faculdade, incitando-os ao estudo de certas materias, e, d'est'arte concorre para que a sciencia seja mais sympathisada e a instrucção tome uma maior dose de crescimento n'este vasto paiz. E, para que o « Congresso Academico » venha a ganhar o merito a que está destinado, é necessario que haja solidariedade e perseverança nos membros que constituem a sua integridade.

GERONCIO DE CARVALHO.

A MULHER

(A JULIO RIBEIRO)

Abalisados em cerebrações pujantes, em intelleções illustres, aproveitamos o surgir da primeira aurora do *Congresso Academico*, para emitir algumas divagações—producto de nosso estudo, sobre a mulher, considerada debaixo do ponto de vista politico-social.

Bem longe de nossos dias, e quasi a se perder de vista vae a epocha em que foi a mulher considerada como uma couza, um objecto, sem a verdadeira importancia e respeito que hodiernamente lhe tributamos.

Porém este pezo de valôr, esta importancia que tem ella atrahido para si, é delimitada n'um horizonte restricto, por circumstancias fortes, naturaes e profundas. Pensamos que existem sulcos differencias, dissimilhanças notaveis entre os dous sexos que dividem a humanidade, differenças que se põem em relevo, já physiologica, já moral e intellec-

tualmente. E' este o nosso alvo e procuramos demonstral-o.

Sendo o sexo gerador dominado, influenciado pelos dous systemas—cerebral e uterino, d'ahi nascem e emanam a volubilidade e instabilidade caracterisadas em todos os seus actos e até nos seus escriptos. Foi pensando assim que um escriptor italiano, citado pelo Dr Julio Ribeiro na sua obra—*A Carne*, e cujo nome nos escapa á memoria, disse: toda a mulher consistia no utero. E o notavel escriptor inglez Samuel Smile sustentou que o homem tinha mais força muscular e a fibra mais dura que a mulher, enquanto esta era mais delicada e mais sensível e mais nervosa.

Sabemos que ha homens femininos e inversamente, mas são excepções que mais concorrem para a confirmação da regra.

Consideramos o homem como a bussola n'este oceano revolto da *struggle for life*; a mulher como o sentimento e por assim dizer, o coração da humanidade.

O lar é o seu dominio exclusivo, por que é n'elle que ella forma, com a serenidade e doçura da palavra que lhe é peculiar, pela segunda vez, o homem, sendo assim uma fonte do caracter e da moral. E é nosso dever não a afastarmos d'este sublime e magestoso triduo: mãe, esposa e irmã, no qual ella possui a força e a magia de ensinar, consolar e encorajar o nosso espirito desviado e anhelante, no caminho tortuoso da existencia.

Sim, foi ella quem nos ensinou na infancia, e guiou os nossos primeiros passos, quando a alma estava mais aberta ás impressões e prompta a inflammarse a primeira faísca que a tocava, a crêr, amar e obedecer.

George Herbert disse que uma bôa mãe valia cem mestres.

Alguem já disse que era ella um iman para todos os corações e uma estrella para todos os olhos.

Bacon comparou-a um muído de preceitos.

Suppomos que a educação mais harmonica ao bello sexo é a que se funda na moral, na religião e na virtude, pois que da mulher depende a familia, e é por assim dizer, o oêlo mais brilhante da grande cadeia—a Sociedade.

Napoleão lamentava a falta de mães na França.

Uma penna brasileira fulgurante escreveu: « Era mulher: pela primeira vez chorava. » D'onde vemos que a fraqueza é um dos seus carecteristicos. E Bluntchli que a natureza viril do Estado é incompativel com a sua sensibilidade e fraqueza.

A Historia nos mostra exemplos de sexo bello e heroismo commettidos pelo seu bello, mas o que é factó, é que uma Joanna d'Arc, uma Clara Camarão, são exemplos anormaes, excepções que mais corroboram o fim a que nos propomos.

A coragem e bravura das troyannas na Guerra de Troya, não se repetirá « é um arranco saudoso dos bellos tempos que não voltam mais. »

Podemos terminar com a elucidada e valorosissima opinião do nosso illustre professor—Clovis Bevilacqua. Ouça-

mos o mestre: « que a mulher não foi talhada para as mesmas tarefas que o homem, para funcções civis e domesticas absolutamente eguaes, tenho por irrecusavel. Basta attender para a organisação physica de ambos, que d'essa dissimilhança estatica resultam forçosamente differenças funcçionaes, umas physiologicas, outras puramente psychicas: Cita o mesmo illustre professor a opinião de Varygny « o qual diz que essa differença é de ordem natural; é inevitavel e necessaria. »

Do que deixamos escripto vê-se, poi-á toda evidencia a transcendental desiguaidade que existe entre os dous sexos.

AEFONSO DE BARROS.

A NAUTICA

Remonta a mais alta antiguidade o uso da navegação, e perde-se mesmo no longiquo das edades, quem primeiro concebera e realisára a ideia de construir um barco, sobre que podesse librar-se á superficie das aguas; aquelle que no dizer do poeta, *primus siccis oculis monstra natantia vidit*.

Naturalmente, nas primeiras edades, grossos troncos de madeira arrastados a esmo pelas correntes, poderão servir de vehiculo aos primeiros habitantes do globo. Uma serie repetida de viagens assim empenhadas, fez surgir a ideia de um melhoramento. Em breve grotescas pirogas mudarão o aspecto das viagens flumineas e se apresentavão aos primeiros homens como um grande progresso, capaz de muitas vezes fazer brotar a admiração aos mais amestrados navegadores, lembrados dos escabrosos madeiros em que na infancia os amestravam seus paes.

Magna ex infimo nascunt, diz o celebre historiador romano. Ora é natural que a nautica havendo começado por esses toscos rudimentos, não se lhe possa absolutamente precisar o inventor.

Moyses, o grande legislador hebreo falla de Noé construindo uma barca sobre a qual salvara-se com sua familia de um diluvio até muito julgado universal, mas, quasi geralmente, hoje reconhecido no dominio do sciencia como só attinente a algumas regiões da Asia central e occidental; innundação que segundo muitos naturalistas teve logar pela erecção do Caucaso, a immensa muralha, que postada entre os dois mares Caspio e Negro, servira, conforme as tradições hellenicis, de theatro ac supplicio horrivel do bemfeitor da humanidade.

Os escriptos cuneiformes e hieroglyphycos da Chaldea relatão egualmente um facto semelhante, e que podemos affirmar identico, em que o heróe fora o lendario Xesuthos.

Dizião tambem os Gregos dos heroicos tempos, que fora collocada entre as constellações—Argo—a não phantastica em que um bando de heróes, entre elles Jason, Orphéo, o mavioso poeta enternecedor das feras, dos penhascos e das fontes, Thyphis, o amestrado piloto, Hercules e outros, se havião arroja-

do ao oceano em busca do decantado velocino de ouro da Colchis.

São factos destacados; entretanto os Phenicios, primeiro os Sidonios e depois os Tyrios inhibidos dos progressos territoriaes pelos seus formidaveis visinhos lançarão mão da arte nautica e sobre os seus navios com bancadas de marfim e construidas de cedro do Libano, lançarão-se ao livre Mediterraneo e constituirão-se os activos medianeiros entre os povos mais desconhecidos e afastados.

Nesse empenho eminentemente civilizador fundarão grande numero de colonias nas praias de Mediterraneo, e passadas as columnas de Hercules aventurarão-se, no pensar de alguns, até o Baltico e a lendaria Ophir, cujos productos trazião para ar grandes capitaes da Asia. E os navios erão não só empregados no commercio, como naturalmente servirão a arte da guerra, elevada na antiguidade a cathegoria de primeira condição de existencia, e que por um contrasenso devia ter como principio o aniquilamento dos outros povos que não fazião mais do que a procurar egualmente.

Sesostris fez marchar poderosas esquadras no tempo em que o Egypto, á força de armas, quizera desforrar os seis seculos de submissão infligida pelos Hyksos, substituindo-se aos Phenicios no dominio das agoas. E até mais tarde em epocha de decadencia, quando invertidos os papeis, os gregos e cartaginenses substituirão-se no Mediterraneo, Necháó fez partir do mar Vermelho uma esquadra que muitos seculos antes do grande Vasco, dobrava em sentido contrario a extrema antartica do continente africano. Não foi sem admiração que os audazes navegadores, naturalmente phenicios, ao serviço do Pharaoh, virão um dia surgir-lhes a direita o sol, que d'antes para aquelle lado atirava-lhes por cima dos torreões das bistras montanhas os ultimos raios de que se ampara o crepusculo, até que após a passagem das columnas de Hercules, surgissem ás rasas costas do Delta.

Foi em muralhas de madeira, conforme o oraculo predissera, que os Athenienses, graças a actividade e ardileza de Themistocles, conseguirão triumphar das legiões de Xerxes, e que em Mycale patenteou Xantypo a decadencia do imperio dos Achemenidas.

E como essas victorias firmarão a superioridade de Athenas entre as varias populações da Helade e do Peloponeso, do mesmo modo em seguida ao maior desenvolvimento e esplendor accentuado após a organisação da confederação de Delos, cuja alma fora o justo Aristides, a derrota naval de Ægos Potamos, infligida por Lysandro, trouxera a essa cidade o abatimento e a ruina, levando á supremacia a rigida Lacedemonia que em breve a cederia á patria de Epaminondas.

Não é ignorada a grandeza material e moral da cidade de Elissar em maior parte obtida pelas relações commerciaes com a Galia, Hesperia, Cyrenaica, Sicilia e outros povos. E quando os Romanos, depois da conquista da Ma-

gna Grecia encontrarão-se em frente do oceano, ao vortice decantado onde

« ... *Scyllam cæcis cohibet spelunca latebris*.

Ora exertantem, et naves in saxa trahentem» tiverão de, para satisfazer a sua desmedida ambição, organizar uma esquadra com que Regulo forçou aos carthaginienses o abandono da Sicilia.

Mai tarde, morrera Catão, e com sua alma a Republica, (morrera com elle porque o fundo estertor de Pharsalia não era mais que as ultimas contorsões reflexas de uma vida que se esvae) nas costas da Acarnania defronte de Actium deu-se a memoranda batalha naval entre os dois membros do segundo triumphato, no qual Octavio, *accipiter velut*, seguia victorioso o deshonrado amante da irmã de Ptolomeo—a ultima representante dos Lagidas, cuja morte foi o inicio do perpetuo captivo da patria dos Totmés.

Na edade media Veneza e Genova engrandecerão-se mediante o commercio e mesmo as suas esquadras tiverão de transportar para o oriente as phalanges de crusados que buscavão a libertação do S. Sepulcro. E estas republicas só tiverão de ceder o passo ante o maximo desenvolvimento alcançado pelas longiquas e gloriosas expedições dos navios de Portugal e Hespanha.

Os cabos Não e Bojador perderão o tetrico que as superstições dotempo os fazião inspirar, e Colombo sonhando a rotundidade da terra, ergueu a tela anillada que debruçava-se sobre o oceano, legando á posteridade a esplendida e magestosa perspectiva de novos e muitos largos horizontes,

Podia-se então dizer com o poeta: «*Nuicquam Deus abscedit*.

Prudens oceano dissociabili

Terras »...

E foi esse tempo que Camões meditando sobre Geneca.

«*Nec crit terris ultima Thule*» poude, no dizer de garret, ouvir do extranho espectro

... «Tu só dirás aos seculos,

Aos povos, ás nações: Alli foi Lysia.

Como o incerado solllo sobre as agoas Unico leva á praia o nome e a fama

Do perdido baixel»...

Entretanto até esse tempo e mesmo até muito mais tarde era o motor dessas machinas, hoje consideradas por um grande estadista inglez como as rocas tecedoras dos fios do progresso e da civilisação entre os varios povos, a força varia dos ventos, nas primeiras edades secundadas por galerias de remos. Surgio porem mais tarde um invento de largo alcance economico e civilizador, que devia modificar profundamente a nautica e consequentemente as relações internacionaes, como um dos eventos mais grandiosos na galeria das beneficas conquistas do ingenho humano. Quero referir-me á introdução da força motriz do vapor d'agoa na impulsão dos navios.

O vapor, nada mais sendo que a agoa levada pelo calor ao terceiro estado sob que a concebemos em a natureza, é de uma extraordinaria força expansiva.

Cabe a França a gloria de ter germinado em seu seio a primeira ideia de

26/10/11

applicar essa força expansiva do vapor para mover os navios. Diniz Papin, nascido em Blois em 1647, tendo passado á Inglaterra por motivos religiosos, foi depois occupar na Allemanha uma cadeira de mathematicas na universidade de Marbourg. Foi n'este paiz que o grande physico tentou pela primeira vez a navegação a vapor, fazendo construir em 1707 um pequeno barco destinado a singrar as agoas de Weser.

A sua tentativa, porém, não teve exito algum, por ter sido arruinado o seu invento pelos barqueiros d'aquelle rio. Tendo recorrido a Sociedade Real de Londres em demanda de auxilio para a reconstrucção do pequeno barco nada obteve. Assim durante não poucos annos esteve a humanidade privada d'esse factor grandioso da civilisação.

Mais tarde os escossez J. Whatt fez com exito applicação da força do vapor, pondo em exercicio uma machina construida por Newcomen. Foi porém o americano Roberto Fulton que conseguiu definitivamente utilizar a força do vapor na navegação. Tendo ido a França, onde encontrára Levingstone, em-

baixador de sua patria, offereceu a Napoleão Bonaparte a utilização do seu invento. Apesar de fazer uma viagem pelo Sena em um barco a vapor os francezes tão ciosos de novidades pouca attenção prestavão a maravilhosa invenção. Voltando a sua patria fez uma primeira viagem que muito pouco interesse despertou, até a sua entusiastica aclamação pelo povo, quando em New-York foi posto n'agua o *Clermont* em 10 de Agosto de 1807. E alguns annos depois, quando o grande prisioneiro da Bellérophón gemia em S. Helena sobre os destroços de sua gloria, vendo passar ao longe um navio, deixando após si a cauda magestosa de fumo, não cessava elle de exclamar: Fulton! Fulton! Ante o horrisono fragor do oceano ufanosamente sulcado pelo barco veloz, que domava as garras á tempestade entrevia elle espantado no seu coração deslumbrado a dominação que se lhe assegurava se no arroubo de sua gloria não houvera desprezado o invento do grande americano!

Como se vê começou muito no inicio deste seculo o emprego do vapor como

força motora dos navios. Esta utilização baseada sempre no mesmo principio tem passado por muitas modificações aperfeçoadoras, e actualmenre já não fallando em toda a sorte de machinismos, a força intensiva do vapor applicada a navegação, tem diminuido as distancias que separão os povos e juntamente com a imprensa e electricidade contribuem da maneira mais benefica para a felicidade e grandeza das nações.

E, quem sabe? Talvez de conquista em conquista, de progresso em progresso tenhamos de, em futuro mais ou menos remoto, transpostas as raia do actualmente possivel, ver estabelecidas não já as relações de povo a povo, então por demais comesinlias, mas as relações interplanetarias, de mundo a mundo pela navegação aerostatica, como a mais sublime aspiração que jamais fenna concebido o espirito humano. O dominio do homem será não mais o recinto estreito dos mares, porém as tennes ondas do ether a leval-o as margens do infinito!

AUGUSTO MEIRA.

CLEOPATRA

Roma succumbe ; o horror sanguinolento explode-o
A colera de Octavio ; a multidão fulmina
A carnagem brutal, que allucinada de odio,
Tudo esmaga, destróe, esphacela extermina.

Do atroz triumvirato as dissensões estrugem ;
E, emquanto espalha a morte a cafila damninha,
Antonio, contra o qual de inveja accesos rugem,
Ditoso ao collo estreita a lubrica ra'nha.

A náó de ouro a conduz ; a musica argentina
Das lyras sôa ; o mar suavemente eslúa ;
De pennas sobre um leito, o alvo dorso reclina,
Dos amores cercada, a deusa seminúa.

As Nereides ao leme e das velas a escota
As Graças ; pairam no ar como invisiveis numes ;
Vão lhe seguindo em torno a festejada rota
Os incensos da Arabia e calidos perfumes.

E sob o pavilhão de luzente brocado,
Cleopatra sorri, a inveja das coquettes ;
E um favonio veloz ao triumpho amado
Com flamulas acena e alegres galhardetes.

E elle, que os prelios vira, o saque, os trons da guerra,
Quando lhe ouve da voz o suspiroso canto,
No espasmo da volupia humidos olhos cerra
E desmaia no doce e perfido quebranto.

No carro de marfim o par idolatrado
Adeja ; d'elle em volta, em languidas chorêas,
As bacchantes ; de louros elle coroado,
O thyrsos ás mãos, escuta as vozes das sereias.

Em vão Fulvia o pranteia ; os zelos a aguilhoão
E referve-lhe n'alma implacavel o ciume ;
Exterminios debalde, e imprecacões atroão ;
De Marco Antonio o ceo Cleopatra resume.

De aromas o embriaga a flôr de Alexandria,
Rosea, egypcia flôr de tumida corolla,
Das plagas, onde á noute, em vivida ardentia,
Se espria o Nilo e as ondas fulvas desenrolla.

Por ella a patria esquece ; os brados do senado,
Qual importuna voz, não chegão-lhe aos ouvidos ;
Sonha ; os filtros subtis somente do noivado
Em cardumes agora affagão-lhe os sentidos.

E tudo esquece ; a gloria, o estandarte de pregas
Marciaes, do triumpho e da peleja ufano,
As invictas legiões na febre das refregas
Heroicas a domar todo o mundo romano.

Tudo ; basta-lhe o amor d'aquella cujo solio
Oscula sobmisso. Eis do deliquio brando,
Subito, ao despertar, a aguia do Capitolio
Voava aos plainos do Egypto as azas tatalando.

Rompe a feroz vindicta ; ao longo das amuras
As antenas agitam monstros fluctuantes ;
E d'elles (como amor a sorte transflugas !)
Foge inditosa agora a frota dos amantes.

O halito extremo quiz, nos gelidos suores,
Marco Antonio soltar-lhe aos pés ; e n'esse instante
Pela ultima vez ella o beija, de flores
Cobre-lhe o corpo e cahe sobre elle agonisante.

AUGUSTO CAVALCANTI.